

RESENHA: 1928, UMA POLÊMICA DO PÓS-GUERRA: RUY CIRNE LIMA E ALBERTO PASQUALINI, ESTADO MODERNO E NOVAS IDEIAS

Bruno Cardoni Ruffier¹

Gerson Tadeu Astolfi Vivan Filho^{2*}

O livro publicado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul³ e organizado pelo professor de Direito Constitucional na Universidade Federal de Rio Grande, Wagner Feloniuk, contextualiza e apresenta um debate público entre dois jovens oriundos da turma de 1928 da Faculdade de Direito de Porto Alegre, famosa por produzir luminares da política e do direito nacional. Ruy Cirne Lima, então com 19 anos, tornar-se-ia “o maior jurista do Rio Grande do Sul no seu tempo” e Alberto Pasqualini, então com 27, “uma das mais importantes vozes do pensamento trabalhista brasileiro” (FELONIUK, 2021, p. 9). O primeiro defende que estaria surgindo uma “nova mentalidade no pós-guerra”, enquanto o segundo contesta algumas das suas afirmações. A discussão se deu por meio de artigos de jornal, a maioria deles no porto-alegrense *Diário de Notícias*, no qual publicavam pessoas “ligadas ao movimento modernista, à crítica literária” (p.33). Para Cirne Lima, na esteira do pós-guerra estaria surgindo uma mentalidade menos racional, menos ligada ao método científico, mais emotiva, fruto do sofrimento, da dor e da proximidade com a morte. Tratava-se de um movimento de virada contra o racionalismo. Pasqualini mostrou-se cético frente aos argumentos de Cirne Lima, defendendo que as ideias filosóficas racionalistas continuariam, que a racionalidade em si não iria mudar e que o comportamento humano poderia voltar à normalidade na medida em que houvesse paz.

A controvérsia inicia com o artigo “A Era de Leviathan”. Nele, Cirne Lima pergunta como seria a vida cultural, religiosa e política no novo tipo de Estado que estava surgindo no início do século XX, que ele chama de

1 Doutorando e Mestre em Filosofia Política e Teoria do Direito pela UFRGS. Formado em Direito na UFRGS. Graduação incompleta em Filosofia pela UFSC. Pesquisador na área de Filosofia do Direito e Filosofia Política, com ênfase em Direito Público, Constitucional. Pesquisa Max Weber, Carl Schmitt, a República de Weimar e o pensamento conservador.

2 Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2021/2025). Mestre em Filosofia e Graduado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011/2015).

3 FELONIUK, Wagner (org). 1928, uma polêmica do pós-guerra: Ruy Cirne Lima e Alberto Pasqualini, Estado moderno e novas ideias [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2021. Modo de acesso: <<http://ihgrgs.org.br/ebooks.html>>.

“Estado de Leviathan”. A “sociedade de amanhã”, diz ele, “composta de indivíduos especializados” abrigaria “uma nova servidão, - a servidão industrial, ligando o operário à sua função, à sua máquina”. Isso poderia ser confirmado observando-se o presente estado da arte, que, diz ele, “perdeu o seu universalismo” admitindo que “tudo se divide e se fragmenta” (p.58). No seu segundo artigo “O Após Guerra”, Cirne Lima pergunta se “existe uma mentalidade de após-guerra?”, imediatamente respondendo que a emergência da guerra rompeu “barreiras conceituais”, punindo o “cientismo desdenhoso” que parecia capaz de “explicar o universo”, e que tal desdobramento teria fortalecido o sentimento religioso do catolicismo, expresso na “fórmula integradora” e “totalista” da filosofia neotomista (pp.60- 61). Em “Novo Renascimento”, ele argumenta que foi “do contraste entre duas formas coexistentes” - ciência e vida espiritual – “que nasceu e se desenvolveu a mentalidade nova”, na qual a “unidade física do mundo” foi trocada pela “unidade mística”. O pós-guerra teria inaugurado, portanto, “uma nova Renascença” (p.61-66). Mais especificamente, trata-se - como se depreende do título do texto seguinte - de uma “Renascença Católica”. Se antes havia “entre o homem e a realidade física um mundo formal intermediário”, esta teria sido destruída “pela oposição direta do homem ao homem, na luta das potências”. A guerra “representa uma regressão ao estado primário” e com ela restamos “forçados a admitir a insuficiência da lógica na explicação do pensamento moderno”. A “mentalidade moderna” teria escolhido o “caminho fecundo da afetividade”, cuja primazia cabe à “estética em oposição à lógica”. (pp.66 – 71). No artigo seguinte, “A mentalidade nova”, já em resposta às primeiras objeções de Pasqualini, Cirne Lima situa a filosofia racionalista, “de Descartes a Comte e Spencer”. Mas Bergson, com o seu “intuicionismo”, teria oferecido a primeira reação ao “racionalismo imperativo do século passado”, e ainda que desse movimento não tenha participado “o comum das gentes”, a grande Guerra logrou “restabelecer uma relativa concordância entre a consciência filosófica dominante e a consciência coletiva”, ainda que tão somente “no sentido de reação ao positivismo, em que se condensara a tradição racionalista”. Tal reação teria sido expressa no “renascimento católico na latinidade”.

Pasqualini se vê chamado à discussão a partir da publicação de “Renascença Católica”, que Cirne Lima dedica a ele. Feloniuk aventa a possibilidade de que a discussão tenha iniciado por outros meios, possivelmente em conversas entre ambos. No seu primeiro artigo, “A mentalidade de após guerra”, Pasqualini argumenta que aqueles que acreditaram que “um desespero coletivo ameaçava a Europa de completo aniquilamento” estavam errados, pois “a espécie humana não se deixa destruir dessa forma” ela possui uma “faculdade de adaptação”. Haveria uma “vacilação dos espíritos

em torno do novo ponto de equilíbrio”, mas “nada há que recluir”. Em momentos de instabilidade surgem “novos sistemas morais, políticos, literários e filosóficos com todos os exageros do momento”. Igualmente, nesse período “as religiões encontram campo propício à sua propagação” pois a alma humana “aceita tudo o que possa determinar novos motivos de viver”. Ele contestará as duas conclusões que atribui a Cirne Lima: “o renascimento do espírito religioso (catolicismo)” e “a falência do racionalismo”. Para Pasqualini, “com a volta do equilíbrio espiritual, os homens preocupar-se-ão novamente com os transcendentais problemas do universo, procurando resolvê-los com mais serenidade e seriedade”. Ainda, apontou que para que “a falência da lógica” fosse possível, “seria necessário que se houvesse completamente modificado a nossa organização mental, e nesse caso, assistiríamos à bancarrota de todas as ciências, a começar pela matemática”. Em conclusão, afirma que “a grande guerra em nada poderia modificar as diretrizes do pensamento humano, no seu aspecto formal.” (pp. 71-76) No seu segundo artigo, Pasqualini enumera as contradições do seu debatedor: o uso equivocado do termo “lógica”, assim como um uso indiscriminado dos termos “racionalismo”, “razão” “esfera de ideias puras” e “sistema lógico” como se estas fossem equivalentes. Cirne Lima, acusa Pasqualini, “é um verdadeiro discípulo de Hegel, pois que saboreia com verdadeira volúpia, o paradoxo e a contradição”. (p.83-88)

Defendendo-se das críticas de Pasqualini, Cirne Lima disse que apenas afirmava “a insuficiência da lógica (da lógica racionalista), como fórmula de conhecimento, considerando-o pelo duplo prisma da razão e da intuição”. Pasqualini, segundo ele, “não apanhou o meu pensamento” e “vem imputar-me ‘a bancarrota de todas as ciências’ [...] quando digo falência, excluo eu a possibilidade de reabilitação?”. (p.81-82) No seu último artigo, “Racionalismo e Catolicismo”, Cirne Lima encerra a discussão afirmando que “o sr. Pasqualini abandonou o campo...” reelaborando cada um dos seus pontos frente às críticas a ele endereçadas, termina por afirmar “O sr. Pasqualini enganou-se novamente [...] E ponto final.”.

Os argumentos de Cirne Lima ecoam, de fato, diversas das preocupações modernistas que, em Porto Alegre e no mundo, passaram a se propagar a partir do desfecho da Primeira Guerra Mundial. É neste sentido que Otto Maria Carpeaux situa o modernismo no encontro com “o corpo social dominado pelo imperialismo”, que “rompeu o famoso equilíbrio europeu, o político, o econômico, o social, e, enfim, o equilíbrio espiritual em que se baseava a literatura de 1900.” (CARPEAUX, 2012, p. 21-22). A recorrência dos apontamentos de Cirne Lima quanto ao fato de que essa nova mentalidade produziu uma subversão da ética, da estética, da economia e da política para “tentar reconduzir a novos valores e novas formas” (p.40)

reforça tal interpretação.

Há, contudo, um inquietante distanciamento por parte dele. Ele escreve como quem assiste e constata os movimentos de um mundo no qual se inclui apenas timidamente. Cirne Lima integrou, de fato, um grupo de jovens escritores, poetas, músicos e artista (Augusto Meyer, Theodomiro Tostes Athos Damasceno, Darcy Azambuja, Vargas Neto, Pedro Vergara, Sotero e Luiz Cosme, João Fahrion e outros) que se formou no entorno da Livraria do Globo nos anos 1920. Não compunha esse grupo nenhum movimento com as pretensões vanguardistas e de ruptura que caracterizaram o modernismo paulista, ainda que tenha havido certo envolvimento e intercâmbio entre ambos e tenha-se em Porto Alegre também desenvolvido uma arena de debate e produção estéticos no *Diário de Notícias* e na *Revista Madrugada*, muito importante, ainda que de curta duração.

Mostra disso são as contribuições gaúchas à primeira dentição da *Revista de Antropofagia*, de 1928, que transparecem uma sensação de deslocamento. Cirne Lima, especificamente, colaborou com um poema (“Madrugada”, n. 2, p. 5) e um pequeno conto (“Literatura”, n. 6, p. 2). No primeiro, uma cena bucólica sem presença humana em que uma lancha trazendo lenha “com a sua tósse miuda de gasolina” atravessa o rio em meio à névoa ao som dos biguás. No segundo, um menino sonolento que conta para si mesmo uma versão embaralhada da lenda gaúcha do Negrinho do Pastoreiro (“criado no mato”, “que vive só de noite”, “sem os costumes da gente”) com a Bela Adormecida e o da “menina que os porcos comeram”. No fim, o rei do castelo, com “sentimento de mando” manda entregarem “a rainha aos porcos como ceia”.

O desconforto dos gaúchos com o modernismo paulista não refletiu apenas as tensões estéticas do regionalismo gaúcho, mas uma ideologia a que, como mostrou Ligia Chiappini (1978, p. 172) o modernismo gaúcho daria sustentação. A atribuição ao Rio Grande do Sul de um papel de garantidor dos “verdadeiros princípios republicanos”, não raramente referido como Prússia Brasileira, é retomado neste exato momento, para a formação da Aliança Liberal e o mito heroico do gaúcho “centauro dos pampas” é retomado em proveito da propaganda partidária.

Num dos artigos da polêmica, ao comentar a “nova mentalidade” dos “nossos artistas”, Cirne Lima avalia que a sua “angustiada procura de formas novas” nas “penetrantes sensações dos primitivos” teria se demonstrado unilateral frente aos “três troncos étnicos” brasileiros. O “primitivismo” não poderia, para ele, abdicar do “trilho central da latinidade” em detrimento das “tradições do ameríndio” e das “superstições do negro” (p. 65). Trata-se de uma reivindicação embebida no mito de uma ‘nação das

três raças', guiadas é claro pelo branco português, e livre de conflitos, que compôs a imagem de nação do Estado Novo, dos generais gaúchos da Ditadura Militar e segue campeando no imaginário dos militares que voltam a adentrar nossa vida política.

REFERÊNCIAS

- CARPEAUX, O. M. *O modernismo por Carpeaux: as vanguardas europeias, as revoltas modernistas, a I Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Leya, 2012.
- CHIAPPINI, L. O Modernismo no Rio Grande do Sul: revisitando uma pesquisa dos anos 70. *Literatura e Sociedade*, [s. l.], v. 9, n. 7, p. 256–265, 2004.
- FELONIUK, W. (org.). *1928: Uma polêmica no após guerra*. Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2021.

Submetido em 28/11/2022

Aceito em 28/11/2022